

LOURO, Guacira Lopes.

Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. ISBN 8575261169

É próprio da vida atual a convivência com a incerteza, o fluído, a escolha provisória e limitada. Se “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, se nada mais permanece, cada sujeito se quer autônomo para construir a sua liberdade, o seu ambiente pessoal. Nesse contexto, a metamorfose passa a ser a regra. Nenhuma forma é obtida. O que há é rascunho, traços soltos, experimentos, sombras, indefinições.

Isto não significa que todos os nossos referenciais desapareceram. Mas eles não cessam de ser reelaborados sideralmente, em velocidade sem precedentes. Daí que se fala tanto em pluralidade, costumes e hábitos dissolutos. Vínculos quebrados, identidades fluidas, cada vez mais ambíguas. Se nada mais é estável, é preciso estar em movimento. No passado, estar em movimento era um privilégio, uma conquista. Hoje, é uma necessidade, uma aventura pessoal, um novo meio e modo de vida.

O movimento veloz e contínuo faz o indivíduo experimentar e exercitar outros valores: tudo deve estar pronto para o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea. O convite é para que cada um se renda aos impulsos, passe a usufruir de tudo o que é transitório, passageiro, fugaz. Nada mais de esforços prolongados, receitas testadas, garantias e seguros. Se tudo é aventura, só nos resta enfrentar os riscos, deliberados ou precariamente calculados.

A mutabilidade sideral cada vez mais condiciona e metamorfosea todos os aspectos da nossa vida, sobretudo o nosso corpo e a nossa sexualidade. Uma reflexão sobre esses modos de ser, transitórios e circunstâncias, estão no livro *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, de Guacira Lopes Louro.

O livro é composto de quatro textos que, segundo a autora, querem ter a liberdade dos ensaios porque são prosa livre que versa sobre um tema sem esgotá-lo. Os textos são uma espécie de

Edvaldo Souza Couto

Professor Adjunto da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA
edvaldo@ufba.br

experimentação. Todos eles carregam rastros da teoria *queer*. Logo na apresentação Guacira escreve:

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p. 7-8).

O primeiro ensaio, *Viajantes pós-modernos*, parte da condição do viajante, tão explorados em filmes, nacionais e estrangeiros, para enfatizar características do sujeito atual. Diz que a viagem transforma o corpo, o “caráter”, a identidade, o modo de ser e de estar do sujeito. Na viagem, o que importa não é a partida ou a chegada, mas o deslocamento, a travessia, o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto. A viagem externa está entrelaçada com a viagem interna. Daí que para o indivíduo são importantes os desvios e retornos sobre si mesmo, um processo que provoca desarranjos e desajustes. Segundo a autora, é o movimento que garante algum equilíbrio ao viajante.

O recurso metafórico da viagem também é usado para discutir a condição de pessoas que se desviam das rígidas e convencionais definições de gênero, ser homens ou mulheres, de matrizes heterossexuais ou homossexuais. E a pesquisadora analisa aqui o universo da *drag-queen*, destaca e enfatiza aqueles que preferem viver na fronteira, que são desviantes, extraviados, que se põem à deriva.

No segundo ensaio, *Uma política pós-identitária para a Educação*, a autora recorre a elementos da teoria queer e demonstra que essa teoria ultrapassa políticas de teorização gay e lésbica, devendo ser compreendidas num campo mais amplo do pós-estruturalismo. Nesse sentido, diz que “uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referência”.(LOURO, 2004, p. 45).

Guacira propõe uma espécie de pedagogia *queer*, para romper com os tradicionais binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante. Em outras palavras, uma pedagogia capaz de pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero; novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.

No terceiro ensaio, *'Estranhar' o currículo*, propõe que a já anunciada pedagogia *queer* não se desenvolve sem um currículo capaz de dar conta da diversidade corporal, sexual e de gênero. Boa parte da análise consiste em investigar o que significaria tornar *queer* o currículo. A pesquisadora destaca que no currículo tradicional não há espaço para a idéia de multiplicidade (de sexualidade ou gênero), pois essa idéia parece insuportável. Diz que há quem assuma, com certo orgulho, ignorar formas não-hegemônicas de sexualidade. Essa ignorância deve ser substituída pelo esclarecimento curricular de que o nosso erotismo não necessita de um alvo único, mas pode se espalhar em muitas direções.

No último ensaio, *Marcas do corpo, marcas de poder*, o leitor encontra a análise sobre a condição social do corpo, pois é nele “que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam”. (LOURO, 2004, p. 83). Mais uma vez a autora recorre à construção do corpo de uma *drag-queen* para exemplificar que o corpo menos que um objeto da natureza, é um objeto da cultura. O corpo se constrói, se fabrica, se modifica, se escolhe, por meio de uma série de artefatos, acessórios, técnicas, gestos e atitudes. O corpo como inscrição de acontecimentos.

O livro de Guacira é um importante estudo de como elementos da teoria *queer* pode nos ajudar a entender as mutações corporais e as fronteiras de sexualidade e de gênero onde muitos de nós nos encontramos e, muitas vezes, escolhemos viver.